



SURDEZ E CRIATIVIDADE EM UMA PERSPECTIVA BILINGUE

DEAFNESS AND CREATIVITY APPROACH ON BILINGUAL

LIMA, Maria do Carmo Silva¹
CARNIELLI, Beatrice Laura²

RESUMO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo investigar estratégias e práticas pedagógicas utilizadas pelo professor de português, que atende o surdo ou deficiente auditivo (DA), na rede pública de ensino do Distrito Federal, para ajudar a desenvolver o potencial criativo do aluno surdo, no que se refere à sua produção escrita, bem como as dificuldades enfrentadas e resultados alcançados nessa prática. Participaram do estudo cinco professoras que atuam na disciplina de português como segunda língua dos alunos surdos/DA. Para coletar os dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada. Comprovou-se que permanecem concepções equivocadas no ambiente escolar, com relação ao conceito de criatividade e da utilização da linguagem de sinais. Mesmo sendo a libras a língua do surdo/DA, seu domínio é limitado tanto pelos professores, quanto pelos alunos, o que dificulta o ensino do português escrito, sendo focado na comunicação com o grupo majoritário de ouvintes.

Palavras-chave: Surdez; Criatividade; Bilinguismo.

ABSTRACT

The present study is the result of a study aimed at exploring strategies and teaching practices used by the Portuguese teacher, serving the deaf or hearing impaired (DA) in the public schools of the Federal District to help develop the creative potential of deaf students, with regard to his written production, as well as the difficulties encountered and results achieved in this practice. The study included five teachers who work in the discipline of Portuguese as a second language for deaf students / DA. To collect data we used semi-structured interview. It was shown that misconceptions remain in the school environment, with respect to the concept of creativity and the use of sign language. Even though the language of the deaf pounds / DA, its domain is limited by both teachers and students, which makes the teaching of Portuguese written and is focused on communication with the majority group of listeners.

Keywords: Deafness; Creativity; Bilingualism.

¹ Mestranda em educação pela UCB e especialista em educação de surdos. Email: ddmcsiri@hotmail.com.

² Doutora em educação pela UFRJ e professora do programa de mestrado e doutorado em educação pela UCB. Email: beatrice@pos.ucb.br.



A Surdez

A surdez consiste na perda ou diminuição da capacidade de percepção dos sons, sendo considerado surdo o indivíduo cuja audição não é funcional, e parcialmente surdo, aquele cuja audição ainda que deficiente, é funcional com ou sem a prótese auditiva.

Para Bevilacqua e Moret (2005, p.71), a surdez pode ocorrer pelo comprometimento das vias auditivas em três níveis ou locais:

Sistema condutivo: perda causada por problemas no ouvido externo ou no ouvido médio, como rolha de cera, otite externa, otite média, perfuração do tímpano, entre outros. Sistema neurossensorial: perda causada por problemas no ouvido interno e/ou no nervo vestibulo-coclear. Sistema nervoso central: perda causada por problemas no tronco encefálico e/ou cérebro, como tumores e doenças neurológicas que acometam as vias auditivas centrais.

O tratamento para a perda no sistema condutivo na maioria das vezes é sanado por meio de medicamento ou cirurgias, conforme recomendação médica. O mesmo não ocorre com a perda no sistema neurossensorial, na maioria das vezes o tratamento não corresponde, sendo indicado o aparelho de amplificação sonora, também conhecido como prótese auditiva. No caso específico da surdez profunda, normalmente, há recomendação médica para reabilitação com o implante coclear. A deficiência auditiva neurossensorial é dividida e classificada em dois grandes grupos, genética (hereditária) e adquirida, sendo que a surdez pode ocorrer durante a gestação, no parto ou após o nascimento, (BEVILACQUA; MORET, 2005).

Para exemplificar as perdas auditivas adquiridas podem ocorrer durante a gestação por contato com pessoas

infectadas pela rubéola, que durante o período gestacional pode ser confundida com uma intoxicação alimentar, pela sífilis que ao contrário do que muitos pensam está longe de ser uma raridade, e ainda pelo citomegalovírus, que é uma das maiores causas de infecção viral congênita Perinatal (AFONSO, 2005) esse tipo de infecção pode ser intrauterina ou pós-natal. As perdas durante o nascimento podem ser causadas por anóxia (falta de oxigenação) e a prematuridade do feto ou traumas do parto. Após o nascimento as perdas auditivas que podemos citar são as drogas ototóxicas, medicamentos que podem causar surdez, e as infecções bacterianas como encefalite e meningite, as virais como caxumba e meningite, entre outras.

A perda auditiva é classificada quanto ao grau segundo o padrão ANSI:

Classificação auditiva	Media da perda
Normal	0 a 25 dB
Leve	26 a 40 dB
Moderada	41 a 55 dB
Acentuada	56 a 70 dB
Severa	71 a 90 dB
Profunda	Acima de 90 dB

O aluno surdo

É considerado portador de deficiência auditiva (DA) aquele aluno que possui uma perda bilateral leve ou média de audição. O aluno que possui perda leve, normalmente, é considerado como distraído, pois não presta atenção quando lhe falamos, costuma pedir para repetir o que foi dito e apesar das dificuldades consegue adquirir a linguagem naturalmente. Já o que possui perda bilateral média, normalmente é aquele que apresenta atraso na linguagem e tem maior dificuldade de entender o que se fala, principalmente se no ambiente tiver muitos ruídos. (LIMA, 2006).

E é considerado como surdo aquele educando que possui surdez severa ou profunda. O aluno que possui surdez severa só identifica alguns ruídos do ambiente,



podendo perceber a voz humana se ela for muito forte, e a sua compreensão verbal vai depender, em grande parte, da sua aptidão visual e da observação do ambiente em que se desenvolve a comunicação. Já o aluno portador de surdez profunda é aquele que não consegue perceber, e nem identificar a voz humana, essa perda impede o estudante de fazer associação entre audição e fala. (LIMA, 2006).

A educação dos alunos surdos/DA é um grande desafio, pois, sabe-se que o seu aprendizado acontece independente da percepção e do estímulo oral. Os alunos surdos/DA, são atendidos pelos professores nas escolas da rede pública de ensino, de acordo com a orientação pedagógica da Secretaria de Estado de Educação (SEE, 2010, p.25). A orientação determina que a educação seja conduzida numa perspectiva bilíngue, onde a língua brasileira de sinais (libras) será considerada a primeira língua do aluno surdo e a modalidade escrita da língua portuguesa será ministrada como a segunda língua (L2). A proposta resguarda à família ou ao próprio estudante o direito de opção quanto às propostas bilíngue ou oralista.

O bilinguismo para Goldfeld (2002, p.42) “ [...] tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua a língua oficial de seu país.”

Podemos perceber que a concepção bilíngue consiste na aquisição de duas línguas. No caso do aluno surdo/DA, a libras é adquirida como primeira língua, e a segunda a língua portuguesa, sendo então considerados como bilíngues, pois os mesmos possuem a oportunidade de aprender tanto a libras quanto o português na modalidade oral e escrita, que está presente no seu cotidiano.

A Língua Brasileira de Sinais Libras

A Lei nº 10.436/2002 institui no

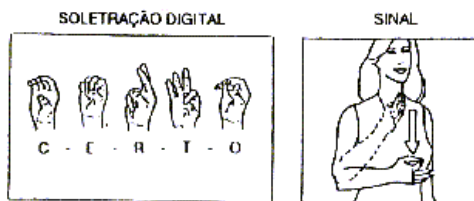
Brasil a libras, porém, ela só foi regulamentada no ano de 2005, pelo Decreto nº 5.626. A lei estabelece que a libras não pode substituir a modalidade escrita da língua portuguesa, e que a instituição educacional deve ofertar a língua portuguesa, com o intuito de atender as especificidades do estudante surdo.

Brito afirma:

A libras é ou deve ser a língua materna dos surdos, não porque é a língua natural dos surdos, mas sim porque, tendo os surdos bloqueios para a aquisição espontânea de qualquer língua natural oral, só eles vão ter acesso a uma língua materna que não seja veiculada através do canal oral-auditivo. (1997, p. 22),

A linguagem de libras surgiu espontaneamente da interação entre as pessoas surdas, e ela permite a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. Ela permite e promove a inserção do surdos/DA na sociedade como sujeito linguisticamente ativo. Percebe-se que são pessoas dotadas de uma linguagem própria e precisam dessa modalidade de língua para se comunicar e se desenvolverem. Portanto, libras é o principal meio para deslanchar todo o processo de compreensão e aprendizagem do aluno surdo/DA. (BRITO, 1997).

A libras é dotada de uma gramática própria, onde as palavras são representadas pelos sinais. É errado pensar que as palavras são representadas pelo alfabeto digital. Como por exemplo, a palavra C E R T O, a soletração manual das letras de uma palavra em português é apenas a transposição da língua oral para o espaço por meio da mão. Há um sinal para a palavra certo que não acontece da mesma forma linear que a palavra em português. (BRITO, 1997).



Hoje sabemos que é possível criar uma infinidade de sinais, pois antigamente predominava o pensamento de que a libras era uma linguagem gestual pobre e representava um número irrelevante de palavras. Mas os surdos estão se inserindo na sociedade e mostrando sua capacidade de compreensão e criação de sinais que para nós ouvintes são novos.

Segundo Quadros e Karnopp, (2004) existe ainda algumas ideias erradas com relação à libras. Uma delas é que a língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos, essa concepção é incorreta, pois é possível expressar conceitos abstratos. Outra crença, é com relação à universalização da libras, hoje sabe-se que a língua de sinais é diferenciada de acordo com o país ou unidade da federação, e há, ainda, outra ideia falsa, onde essa afirma que a língua de sinais é sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo ela estética, e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.

Na definição de Quadros e Karnopp,

As línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos [...] contem os mesmos princípios subjacentes de construção que as língua orais, no sentido que tem um léxico, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos. (2004, p. 47-48).

Goldfeld, (2002) diz que 90% dos surdos estão inseridos em famílias ouvintes.

Ela afirma que, para essas crianças terem sucesso na aquisição da língua de sinais, é necessário que a família também aprenda a libras. Esse aprendizado facilita a comunicação em casa, posteriormente na escola.

O surdo e as primeiras barreiras ao desenvolvimento de sua criatividade

A definição da palavra criatividade no dicionário Aurélio é dar existência e imaginar. No trabalho pedagógico vamos entender como a ação de fazer algo novo, de criar e recriar continuamente em algo que já foi criado. Onde o professor possa estar sensível a problemas da deficiência, buscando soluções com a intenção de aprimorar o seu trabalho. As orientações de Cropley (2009), o professor propiciador da criatividade é aquele que:

[...] - encoraja o aluno a aprender de forma independente; - motiva seus alunos a dominar o conhecimento factual, de tal forma que tenham uma base sólida para propor novas ideias; - encoraja o pensamento flexível em seus alunos, - leva em conta as sugestões dos seus alunos; - oferece oportunidades ao aluno para trabalhar com uma diversidade de materiais e sob diferentes condições; - ajuda os alunos a aprenderem com a frustração e o fracasso, de tal forma que tenham coragem para tentar o novo e o inusitado; - promove a auto-avaliação pelos estudantes. (1997, p.137 apud ALENCAR; FLEITH, 2009).

A primeira manifestação rudimentar do pensamento criativo está relacionada ao comportamento do bebê e seus esforços de interpretar os gestos e as expressões faciais daqueles que os rodeiam. À medida que o bebê vai se desenvolvendo continua a expandir seus interesses e a explorar o mundo que o cerca com os novos recursos que vai adquirindo e assim vai fazendo uso de uma linguagem que lhe dá acesso a um



universo progressivamente maior. Ele é espontâneo e sua imaginação surpreendente. (ALENCAR; FLEITH, 2009).

Bevilacqua e Moret afirmam que,

O diagnóstico da deficiência auditiva provoca o medo de não saber educar, de não saber se comunicar com aquela criança. Isso acontece de forma diferente com pais de crianças deficientes auditivas... Embora a deficiência auditiva também traga preocupações e conflitos para esses pais, alguns estudos mostram que eles conseguem estabelecer com maior facilidade a comunicação com seus bebês e estimulá-los em seu desenvolvimento. (2005, p.287).

Os anos que antecedem o período escolar são importantes, pois esse período é fortalecido pelo seu intelectual afetivo, além do fortalecimento da autoestima. No caso do bebê surdo com pais ouvintes e falantes, poderíamos afirmar que é nesse momento que acontece a primeira barreira ao desenvolvimento do potencial criativo da criança com surdez, pois o surdo situado dentro desse contexto fica em meio a um turbilhão de falas, pelas quais não compreende.

Bevilacqua e Moret, afirmam:

A deficiência auditiva modifica as vivências da criança nos contextos interacionais do seu cotidiano, não só porque restringe o acesso às informações veiculadas sonoramente, mas, também, porque o relacionamento do adulto e de crianças ouvintes com a criança deficiente auditiva e vice-versa é marcado pela representação que se tem da deficiência, representação essa que geralmente se atém mais às dificuldades do que ao potencial que a criança apresenta para se desenvolver. (2005, p. 287)

A dificuldade de comunicação e de entendimento causado pela perda da audição retarda o desenvolvimento do potencial criativo, caso não seja

identificado nos primeiros meses de vida a surdez/DA. Podemos então considerar como sendo mais uma barreira ao desenvolvimento do potencial criativo, enfrentada pelas crianças surdas.

Ao receber o diagnóstico da surdez/DA do filho, a família vivencia situações e sentimentos conflitantes, como o choque, raiva/negação e até o sentimento de culpa. Regen, (1994, apud BRITO e DESSEN, 1999), relata que casais e famílias mudam seus planos de vida em função do nascimento de uma criança com deficiência. Terminado os conflitos iniciais eles passam à fase da reação, é quando a família reconhece a realidade e começa buscar orientação e até tratamento para desenvolvimento de seu filho. (BRITO; DESSEN, 1999).

Outro sentimento conflitante é com relação a educação e a escolha do melhor método a ser adotado para a sua aprendizagem, o oralismo ou o bilinguismo. Assistir aos conflitos, visualizar as expressões faciais que permeiam os pais sem entender nada é mais uma barreira ao desenvolvimento do potencial criativo do indivíduo surdos/DA.

Criatividade na sala de aula

A palavra criatividade tem estado presente no cotidiano escolar, seja em uma redação feita pelo aluno, um mural, uma atividade solicitada pelo professor, ou para qualificar alunos e professores como sendo criativos. Existe, hoje, no ambiente escolar, reconhecimento da importância da criatividade. (MARTINEZ, 2006).

A escola inclusiva exige uma reestruturação, que para Martinez (2006), essa mudança surge para dar oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento a todos os alunos com deficiência e/ou considerados diferentes. Afirma, ainda, que a concepção de inclusão implica alta dose de criatividade e de inovação da escola, referindo-se ao longo período histórico de exclusão dos deficientes.



Alencar e Fleith (2009, p. 120) salientam que:

[...] especialmente nos primeiros anos do ensino fundamental, o poder, a influência do professor e a contribuição que este pode dar para facilitar a formação de uma imagem positiva de si mesmo pelo aluno é muito maior do que muitos professores imaginam.

O professor tem grande importância nesse processo de reestruturação do ambiente escolar e na sala de aula, pois é ele quem ensina e educa, é ele quem prepara seus alunos para serem pensadores criativos e independentes. Portanto, as oportunidades que são oferecidas por ele, a valorização e o reconhecimento do potencial do aluno têm contribuído bastante para o desenvolvimento de expressões criativas, por parte dos alunos (ALENCAR; FLEITH, 2009).

É importante que o professor crie um ambiente em que os alunos possam sentir-se motivados e estimulados a mudar, Rodari (1982), afirma que para mudar a sociedade é necessário que os homens sejam criativos e que saibam usar a imaginação.

O que a escola propõe como objetivo a alcançar em termos de aprendizagem e ensino pode favorecer ou, ao contrário, dificultar o desenvolvimento do potencial criador dos alunos, é o que Alencar e Fleith (2009) denominam barreira ao potencial criativo. As autoras, dizem ainda que as pressões sociais com relação ao indivíduo que diverge da norma, podem ser consideradas como barreira ao desenvolvimento do potencial criativo.

No caso do aluno surdo, esta situação é clara, pois o aluno que não fala e não faz uso da leitura labial, fica excluído no ambiente escolar ouvinte, ou do grupo dominante, conforme relata Witkoski (2009). É evidente a dificuldade de comunicação por parte dos alunos surdos principalmente pela falta da fala, ou de entendimento de sua comunicação,

dificultando o pleno desenvolvimento de seu potencial criativo.

Percebemos também que somente o esforço do aluno não é o bastante para o seu desenvolvimento, deve ser considerado o contexto social no qual ele está inserido, pois, ele desempenha um papel determinante no estímulo e desenvolvimento da sua criatividade. (ALENCAR; FLEITH, 2009).

Para Alencar e Fleith (2009) a criatividade não é um atributo do indivíduo, mas, antes de sistemas sociais que fazem julgamentos sobre ele. As autoras afirmam que a criatividade necessita de inspiração e treino prolongado, e é uma característica do homem e não um dom divino, ela exige esforço por parte dos indivíduos.

Existem muitas ideias erradas com relação à criatividade, e uma delas é que necessita apenas de fatores intrapessoais ou que o produto criativo seria fruto de um lampejo de inspiração, que ocorre somente em indivíduos dotados de poder especial. Para Alencar e Fleith (2009), a preparação é relevante em qualquer obra seja ela artística ou científica. É importante que o indivíduo desenvolva outras habilidades associadas a criatividade como: flexibilidade, originalidade e sensibilidade, pois nada adianta criatividade, intuição e imaginação, se não houver técnica, por outro lado, de nada adianta técnica sem criatividade.

Um dos objetivos da inclusão dos alunos surdos e deficientes auditivos no ambiente escolar é o de estimular o desenvolvimento de sua capacidade intelectual e criativa. Além disso, busca-se a valorização e aceitação das diferenças individuais de cada um. A escola deve ter sempre em vista a cooperação e o crescimento individual dos alunos.

Para atender essa clientela específica é necessário que a escola tenha recursos pedagógicos diferenciados, principalmente o visual, para compensar a deficiência auditiva. Como a surdez é uma deficiência que dificilmente é percebida pela sociedade, torna-se também pouco



conhecida.

O ideal é que toda a equipe escolar, professores e servidores saibam libras. É necessário que toda a escola esteja sensível ao problema desses alunos, que esteja envolvida no processo de ensino.

Para Quadros e Karnopp,

A produtividade ou criatividade de um sistema de comunicação é a propriedade que possibilita a construção e interpretação de novos enunciados. Todos os sistemas linguísticos possibilitam a seus usuários construir e compreender um número indefinido de enunciados que jamais ouviram ou viram antes. (2004, p.26).

Sabemos que muitas são as dificuldades encontradas pelos professores como também pelos alunos surdos/DA. Para esses últimos, uma delas é a aquisição do português como segunda língua, outra é a barreira da comunicação, entre professor e aluno, pois na maioria das vezes ela acontece por meio da oralização.

Pensando nessas dificuldades, realizou-se uma pequena pesquisa com o objetivo de investigar quais as estratégias e práticas pedagógicas utilizadas pelo professor de português, que atua na disciplina como segunda língua, e atende o surdo/DA no ensino fundamental, 5ª à 8ª série, para ajudar a desenvolver o potencial criativo do aluno, no que se refere a sua produção escrita. Entendendo a criatividade como algo que não ocorre dentro do indivíduo, mas sim como resultado da interação entre os pensamentos e o próprio contexto sociocultural.

A pesquisa e seus resultados

Diante do número reduzido de escolas que oferecem esse atendimento específico aos alunos surdos e deficientes auditivos, na disciplina de português como segunda língua (L2), a pesquisa foi realizada em três escolas da rede pública de ensino do

Distrito Federal, onde um dos objetivos dessas escolas é viabilizar ao aluno o desenvolvimento pleno de suas capacidades. Elas oferecem aos alunos uma sala exclusiva, com professor específico da disciplina de português como L2.

Participaram desse estudo cinco professores da rede pública de ensino no DF, todos graduados em Letras, com cursos específicos em libras, além do conhecimento da metodologia do ensino da língua portuguesa instrumental. Todos atuantes no ensino fundamental na disciplina de português como L2 para alunos surdos/DA.

A idade média dos participantes deste estudo está entre 40 e 47 anos, e todos são do gênero feminino. Três professoras estão lotadas na Diretoria Regional de Ensino de Sobradinho e duas na DRE do Plano Piloto.

Apenas três das cinco professoras possuem curso de especialização em educação de surdos e uma possui especialização em administração escolar. O tempo de atuação docente entre elas varia de dois a dez anos.

O número de alunos atendidos por esses professores variou entre 4 a 15 alunos. O professor A atende 15 alunos, o B atende 4 alunos, o C atende 15 alunos, o D atende 12 alunos e o professor E atende 15 alunos.

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa foi investigar quais as estratégias e práticas pedagógicas utilizadas pelo professor de português, que atua com surdos e deficientes auditivos, no ensino fundamental para ajudar a desenvolver o potencial criativo do aluno, no que se refere a sua produção escrita. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, que consiste, de acordo com Flick nos seguintes aspectos:

[...] na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na



variedade de abordagens e métodos.
(2004, p.20).

comunicar.

Alencar e Fleith recomendam:

Nesse estudo foi adotada uma abordagem qualitativa combinada à análise do discurso textual. A entrevista foi realizada com os professores individualmente, porém, preparada de forma semi-estruturada. As questões de pesquisa foram: - Como os alunos surdos/DA são atendidos na disciplina de português como L2? Qual o nível sócio-econômico dos alunos? - O senhor (a) considera importante desenvolver o potencial criativo do aluno surdo/DA? - O senhor (a) utiliza alguma estratégia para desenvolver o potencial criativo do aluno surdo/DA? Em caso afirmativo quais? Encontra dificuldades? Em caso afirmativo, quais? - Há resultados obtidos? Comente.

Com relação ao aluno, três aspectos devem ser considerados: habilidades (cognitivas e características afetivas) interesses e estilos de aprendizagem. É importante que os professores, ao planejarem suas aulas, levem em consideração essas informações acerca de seus alunos, de modo que atendam às necessidades destes.
(2009, p.138).

Em relação ao atendimento, todas as professoras afirmaram que os alunos ficam incluídos na sala com os alunos ouvintes em todas as disciplinas, com exceção das aulas de português, pois é nesse momento que eles são atendidos em uma sala exclusiva somente para a disciplina de L2, com um professor graduado em letras, que utiliza a linguagem de sinais para se comunicar.

Com relação ao nível sócio-econômico dos alunos, os participantes informaram que é bastante variado, pois eles atendem desde alunos carentes, até alunos de classe média alta.

Não fazem referência alguma quanto à diferença de oportunidades e aperfeiçoamento, com o apoio de um fonoaudiólogo, geradas pelo poder aquisitivo dos pais, entre os alunos carentes e os de classe média alta.

Um aspecto interessante e comum a todos os professores entrevistados, é que eles tiveram dificuldades em distinguir o aluno surdo do deficiente auditivo. Isso demonstra que para os professores, o que importa é a comunicação e a compreensão por parte dos alunos. Se for necessário eles utilizam a libras, a oralização, ou a comunicação total, confirmando-se a bi (multi) linguagem utilizada em sala de aula (SILVA, 2008).

Pesquisas constataam que a escola faz a diferença na redução de processos de desigualdades produzidos fora dela, mas para isso é importante que o professor compreenda o que acontece com o aluno para adequar suas práticas com os objetivos de potencializar as possibilidades das crianças afetadas negativamente pelas condições extra-escola. (CASASSUS, 2002).

Com relação à importância no desenvolvimento do potencial criativo do aluno surdo, as professoras expressaram as opiniões abaixo:

Para melhor compreensão da bi (multi) linguagem, é confirmado na sala de aula a presença de, aluno surdo leve, que fala um pouco e faz uso da comunicação oral; do aluno surdo profundo faz utilização da libras ou do português; e ainda temos o aluno que faz leitura labial, este faz utilização das duas modalidades para se

Professora A: - Afirma ser importante, por desenvolver a capacidade de utilização da língua como um meio de comunicação com o mundo tanto escrito quanto oral. “É muito importante sim inclusive o objetivo é esse”.

Professora B: diz, “- Sim claro”.

Professora C: Relata que utiliza vários recursos para desenvolver essa produção escrita: “A gente procura trabalhar com jornais revistas, com o material que para o aluno é mais acessível. Fica um trabalho



que dá para você trabalhar produção escrita dentro daquela vivência, do dia a dia, o conhecimento que ele tem de fatos que aconteceram”.

Professor D: Afirma que sim. “Se eles têm que estar integrados eles tem que conseguir se comunicar, então ele precisa desenvolver esse lado criativo a comunicação até a comunicação alternativa poderia ser considerada como a criatividade, para que consiga se comunicar”.

Professor E: Afirma que sim. “Na língua Portuguesa sim, principalmente na arte que é outra forma de linguagem não sei te informar, mas é por causa da parte escrita, muito importante, porque criatividade ela não passa só na escrita ela vai interferir em outras áreas do conhecimento também e o processo criativo ele é muito importante para outras coisas não só para escrever”.

Todos os professores deram respostas afirmativas, porém percebe-se nas falas que estão mais preocupados com a produção escrita, tendo como objetivo que os alunos consigam se comunicar com o grupo majoritário de ouvintes. Isso é demonstrado na fala quando é dito que trabalham com o dia a dia e a com a vivência do aluno. Uma delas até cita o português L2, como uma alternativa criativa para o aluno surdo, focando o ensino e a estrutura da língua portuguesa. Na realidade, todos os professores justificaram apenas a importância da língua portuguesa.

Essa postura pode ser explicada pela visão de que a escola é uma instituição que tem a função de transmitir conhecimento e de preparar o aluno para ser inserido no contexto social. O aluno então se vê obrigado a cumprir as exigências impostas pelos professores. Martinez, afirma que,

[...] a escola tem sido compreendida como um espaço de transmissão da cultura e de preparação dos indivíduos para sua inserção na sociedade, essencialmente o mercado de trabalho[...] trabalhar em uma perspectiva de “passar conhecimentos” demanda menos

criatividade do que trabalhar em uma perspectiva de incentivar processos de aprendizagem e desenvolvimento reais. (2006, p.79).

Percebe-se também que há desconhecimento por parte dos professores com relação ao conceito de criatividade, predominando a ideia, que a criatividade consiste apenas em um lampejo de inspiração, um toque de mágica, manifestando-se apenas em produções artísticas, como relatam Alencar e Fleith (2009). E isso é percebido na fala da professora E quando diz que na arte, que é outra forma de linguagem não sabe informar.

Com relação às estratégias utilizadas para desenvolver o potencial criativo do aluno surdo, foi informado:

Professor A- “Seleção de um texto que esteja dentro da capacidade de compreensão do aluno, e a partir dele trabalhar as particularidades da língua portuguesa, de forma bem visual. Depois disso, trabalhar o vocabulário, o contexto, a frase, partindo do texto para a palavra menor. O objetivo é fazer com que ele possa desenvolver essa capacidade de compreensão de interpretação, dos vocábulos e do contexto em que ele vive textos escritos.”

Professor B: “Vídeos com história, para que o aluno dê um término diferente às histórias. Música na língua de sinais. Técnicas de redação, joguinhos, sequência de gravuras para que os alunos possam ir contando os fatos e ir montando as histórias. Leituras de cenas em quadrinhos, com utilização de histórias em quadrinhos e depois trabalhar a criação de histórias, diálogos, com os próprios colegas dentro da realidade deles”.

Professora C: “Trabalho sempre com a vivência de cada aluno, além de revista, jornais, jogos, com colagem oficinas e atividades mais práticas e produção de texto”.

Professor D: “Texto retirado de jornais, revistas, ou matéria retirada de uma



reportagem visualizada na televisão, assuntos que os alunos queiram discutir ou debater, algo que eles tenham curiosidades, jogos didáticos, teatro, música”.

Professor E: - “Jornal, livros, sequência de imagens, uma figura qualquer escolhida pelo professor”.

Quadro I: Material e estratégias utilizadas pelo professor de português no ensino do aluno surdo/DA:

Prof essor	Te xt o	Ví de o	Jo go s	Re vis ta	Jo rn al	T V	Te atr o	M úsi ca
A	X							
B	X	X	X					X
C	X		X	X	X			
D	X		X	X	X	X	X	X
E	X				X			

A utilização do texto inclui: livros, diálogos, técnicas de redação, produção de texto, histórias em quadrinhos ou sequência de gravuras.

Todas as estratégias utilizadas pelos professores visavam à produção de texto por parte do aluno. Mesmo a professora E quando afirma que a “...intenção é fazer com que os alunos consigam extrapolar, ir além do que é visto, ou do que é escrito...É importante que ele consiga alcançar o imaginário ou a abstração, pois o aluno surdo é focado no que está vendo...”

A fala da professora é contraditória à sua prática pedagógica, pois, quando o professor trabalha somente a realidade do aluno ele está estabelecendo um limite, seja ele na aprendizagem ou no potencial criativo do aluno. Por trabalhar apenas as particularidades da língua portuguesa por meio de imagens torna o aprendizado do aluno rápido e eficaz, porém limitado. Eles afirmam inclusive que o objetivo é fazer com que o aluno interprete o vocabulário.

O que restringe a criatividade é o sistema de comunicação criado com a finalidade pedagógica, que toma emprestado os sinais da libras e os colocam

na estrutura da língua falada, esse processo recebe o nome de comunicação simultânea, onde o professor que conhece o vocabulário em libras auxilia na transcrição das palavras, enriquecendo o vocabulário do aluno. Este processo de comunicação não é e nem apresenta as características das línguas naturais. Quadros e Karnopp asseguram,

[...] é um erro pensar que as línguas de sinais são subordinadas às línguas faladas. Existem, sim, sistemas de comunicação criados com finalidades pedagógicas que tomam os sinais de uma língua de sinais e os colocam na estrutura da língua falada. Tais sistemas artificiais, chamados de comunicação simultânea, são de fato limitados, uma vez que não apresentam as características das línguas naturais. (2004, p.34).

Com relação às dificuldades encontradas, os professores relataram as seguintes:

- Ausência de linguagem, libras e português, pelos alunos.
- Vocabulário da língua portuguesa restrito.
- Inexistência de material, como o livro de português, ciências e matemática em libras. Tornando-se necessário que o professor faça adaptações no material existente para alunos ouvintes.
- Desconhecimento da líras por parte da família.
- Descrédito no potencial ao aluno surdo por parte da família.

Martínez, afirma que:

[...] muitos professores em contextos específicos expressam um alto nível de criatividade no seu trabalho pedagógico e se constituem em agentes de mudanças em termos de incremento da criatividade e da inovação no seu raio de ação. Isso é explicável pela complexidade de fatores envolvidos na criatividade, em que as situações tidas como



adversas...para alguns indivíduos constituem-se barreiras para a criatividade, para outros funcionam como incentivos. (2006, p.81).

É evidenciado que, uma grande barreira ao desenvolvimento do potencial criativo do aluno surdo encontra-se no bloqueio da comunicação, mesmo para os professores com cursos na linguagem de sinais e especialização em educação de surdos. Eles justificam que os alunos têm um vocabulário restrito na língua portuguesa, o que é recíproco ao professor e à família com relação a linguagem de sinais, dificultando o entendimento e a comunicação de ambos.

Outra consideração importante é com relação à inexistência de material em libras, o que demanda tempo do professor em confeccionar o material ou fazer sua adaptação. O tempo é o fator determinante para que o professor realize a diversidade que o trabalho exige. O tempo não espera. Uma das falas que retrata isso é a professora A que diz: “[...] principalmente quando agente quer diversificar um pouco essa questão dos textos, e das formas de comunicação esbarra com a restrição do vocabulário do surdo, aí eu sinto uma angústia muito grande.” É necessário que a professora busque informações na libras e faça adaptação para o português, isso demanda tempo, a professora continua “[...] a gente fica com a sensação de que está ensinando só vocabulário” e da professora B que diz: “[...] o professor tem que pesquisar bastante e tem pouco tempo.”

A angústia da professora é refletida na sala de aula, revelando ainda o despreparo dos profissionais da educação para a inclusão que está acontecendo. Os profissionais não são orientados como devem proceder, e o curso de libras não dá suporte psicológico para lidar com situações inusitadas.

Com relação à última questão quanto aos resultados obtidos, e há um consenso entre os profissionais de que são bons. A

variação do tempo de assimilação do português depende do aluno, pode ser rápido, como diz a professora E ou lento, como afirma a professora A, depende dos conhecimentos que o aluno tem quando chega à escola.

A fala da professora mostra a importância da família, principalmente quando a surdez/DA é diagnosticada nos primeiros meses de vida. Sabemos que são os pais que constroem as teias sociais de apoio para o desenvolvimento de seus filhos, e essa habilidade familiar irá proporcionar mais ou menos habilidade acadêmica ao desenvolvimento do potencial criativo de seu filho.

Considerações finais

No trabalho pedagógico a criatividade pode ser entendida como a produção de ideias, criação e recriação de atividades que possam ajudar no processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo/DA, isso exige um olhar personalizado por parte do professor. Martinez, (2001) afirma que podemos entender a expressão da criatividade no trabalho pedagógico como as formas de realização deste que representem algum tipo de novidade e resulte na aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

As condições ofertadas pelo ambiente, sala de aula, em interação com a potencialidade do aluno é que fazem emergir ideias, textos, objetos etc., que podemos denominar como sendo criativos. A valorização de suas idéias por parte do professor irá ajudar na sua capacidade de terminação e confiança em si mesmo, causando o bem estar subjetivo desses alunos surdos/DA, e conseqüentemente uma interação natural e agradável com o meio em que vive.

Porém, os professores consideram a criatividade um dom que Deus, que está presente apenas em grandes artistas e que a criatividade pode acontecer como um toque de magia e não como algo que eles devem



estimular o desenvolvimento.

Os professores consideram a utilização da libras apenas como forma de ensinar a linguagem escrita e a utilização do português como um meio de comunicação do aluno com a família, escola e sociedade. Não é lembrado que a criatividade não depende apenas de fatores intrapessoais, subestimando a importância do ambiente, da sala de aula que pode contribuir ou inibir o potencial criativo do aluno.

Outra evidencia de engano diz respeito à libras que é concebida como uma língua restrita e com vocabulário limitado, quando ocorre que o professor e familiares ainda não sabem como trabalhar conceitos abstratos na linguagem. Mesmo ao tentar facilitar a comunicação e enriquecer o vocabulário do aluno os professores utilizam a comunicação simultânea.

A pesquisa define algumas barreiras inibidoras ao desenvolvimento do potencial criativo do aluno portador de surdez/DA: dificuldade em adquirir a língua portuguesa, na sua forma erudita; a falta de empenho da família em apoiar o aluno; conhecimento superficial da libras por professor e aluno; descrédito na potencialidade do aluno surdo/DA; e o bloqueio na comunicação. Por outro lado, mostra também que os professores fazendo a mediação do conhecimento, o uso da linguagem de sinais e os recursos disponíveis na escola, são fatores facilitadores do desenvolvimento do potencial criativo do aluno. No entanto, é importante que o professor valorize as concepções dos alunos, estimule o aluno a pensar e desenvolver suas próprias ideias, dê ao aluno a oportunidade de escolha e, acima de tudo, não se deixe vencer pelas limitações que possui. Esse elo é importante, pois o caminho que os dois irão percorrer juntos é único, e dele resulta o desenvolvimento ou o fracasso do potencial criativo do aluno.

Pode-se perceber que a inclusão e a mudança de paradigma da escola já vem

acontecendo, porém a escola ainda é vista como uma instituição transmissora do conhecimento, o que dificulta o pensamento criativo por parte dos alunos, professores e família.

Obviamente, esta pesquisa não pretendeu esgotar o assunto, apenas mostrar que há necessidade de outras, para que a inclusão dos alunos surdos/DA aconteça de maneira que eles desenvolvem o seu potencial intelectual e criativo.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Helena Cristina Siano; et al. *Audiologia revisada*. Rio de Janeiro. INES.2005.
- ALENCAR, Eunice Soriano de.; FLEITH, Denise de Souza. *Criatividade: Múltiplas perspectivas* 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- BEVILACQUA, Maria Cecília.; MORET, Adriane Lima Mortari. *Deficiência auditiva: conversando com familiares e profissionais de saúde*: São José dos Campos: Pulso, 2005.
- BRASIL, *Educação especial: língua brasileira de sinais*. BRITO, Lucinda F. et al. (Org.). v. 3, n. 4. Brasília: SEESP, 1997.
- BRITO, Angela Maria Waked de.; DESSEN, Maria Auxiliadora. *Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral*. Porto Alegre: v.12 n.002, 1999.
- CASASSUS, Juan. *A escola e a desigualdade*. Brasília: INEP/ Plano Editora, 2002.
- DESSSEN, Maria Auxiliadora.; BRITO, Angela Maria Waked de. *Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. Psicologia reflexão e crítica*, Porto Alegre, v.12, n. 002,1999.
- EDUCAÇÃO ESPECIAL. *Orientação pedagógica*. EMINERGÍDIO, Elemregina Moraes et al.(Elab.) Brasília: 2010.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução a pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva*



sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

LIMA, Daisy Maria Collet de Araujo. *Educação Infantil: Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*. 4. ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

LUBART, Todd. *Psicologia da criatividade*. Tradução, Márcia Conceição Machado Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade: na aprendizagem uma relação necessária? In: TACCA, Maria Carmem V.R. (Org). *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas, SP: Alínea, 2006. cap.4, p. 69-94.

QUADROS, Ronice Muller de.; Karnopp, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia, [...]*. Tradução Antonio Negrini, São Paulo: Summus, 1982.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima da. *Ensino de língua portuguesa para surdos: das políticas as práticas pedagógicas*. 2008.121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WITKOSKI, Silvia Andreis. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. *Revista brasileira de educação*. Rio de Janeiro, v.14, n.42, p.565-606. set/dez.2009.